



# Pequeno e inovador

**Uruguai País do Prata é apontado como exemplo de cultura cívica para seus grandes vizinhos da América Latina**

Caroline da Silva

“Sou a favor dos direitos humanos independentemente de raça, cor e sexo.” A frase de Francisco García, uruguaio radicado no Rio Grande do Sul há três anos, ilustra o tipo de formação que a sociedade daquele país oferece aos seus cidadãos. Mesmo considerando a impressão da psicóloga Eliana Meireles, professora-chefe do internato agrário da localidade de El Colorado (cidade de Las Piedras, departamento de Canelones), de que “o Uruguai não é o mesmo do de dez anos atrás, em termos de educação”, nossos vizinhos ainda têm tradições que mereceriam ser copiadas.

**Civismo e educação** – O argentino Raúl Enrique Rojo, que atua como docente na UFRGS há 19 anos, não cansa de enaltecer a cultura cívica do “pequeno Uruguai, que em muitos sentidos é um exemplo para seus grandes vizinhos”. O professor dos Programas de Pós-graduação em Sociologia e Relações Internacionais explica uma das razões para tal conclusão: “Os uruguaios têm consciência do pluralismo, das diferenças que são legitimamente respeitáveis, ainda que não coincidam com a opinião da maioria, a capacidade de tolerar o dissenso, por assim dizer. Há uma tentação unânime em nossas sociedades; no caso da Argentina é bem típico, para não parecer que estamos criticando só os brasileiros. Existe um alto grau de autoritarismo, de intolerância, em nossas sociedades civis, independentemente de quem seja o governo.” Ele cita um exemplo. “No Uruguai e no Chile, não se vai escutar um ginásio inteiro chamar um jogador de ‘bicha’, acrescentando que o fato ocorrido no voleibol brasileiro ocupou as capas dos jornais uruguaiois.

“O Uruguai tem um histórico cívico e isso ajuda em certas mudanças. As mulheres uruguaiois foram as primeiras a votar na América Latina e o país também foi o primeiro a autorizar o divórcio”, lembra o engenheiro agrônomo García, que se mudou para o Sul do Brasil, assim como tantos jovens que saem cedo do país vizinho, pela falta de emprego e de oportunidades.

Aos 32 anos, com “doble chapá”, ele aponta as diferenças entre a sociedade brasileira e a uruguaia: “Há muitas diferenças culturais nas questões de valores cívicos, educação e patriotismo. Temos valores fortes que levamos como conceitos de vida. Nossa base educacional nos torna homens e mulheres formadores de opinião. Apesar de sermos um país não tão rico, os jovens têm um nível educacional avançado, e nos embasamos nesses valores educacionais para a vida pessoal, política e social”. As comparações em relação à educação não param: “O Brasil é muito bom para viver, mas sua população reage pouco à política e às questões sociais. Vejo um país muito metódico em seu ensino, que é prático, mas não como o ensino nos Estados Unidos. Essa praticidade gera poucos formadores de opinião e despeja milhares de profissionais que trabalham como máquinas, mas são incapazes de discutir o futuro de seu país”.

**Consenso como hábito** – O professor de História da Universidade, Enrique Padrós, nascido em Montevideo,

reconhece que a sociedade uruguaia é avançada em temas controversos e cita um motivo para isso: “É uma população que tem muita informação. Ela tem um grau de cultura, de acesso à educação bem razoável. Mas, apesar de dizermos que o Uruguai é avançado em alguns temas, politicamente é um país conservador, mesmo que finalmente tenha escolhido um presidente de esquerda. É um país que respeita muito a Constituição, uma sociedade pacífica, não passiva, com uma cultura de negociação. Então, temas muito ousados no Uruguai não passam, não. Não é bem assim”.

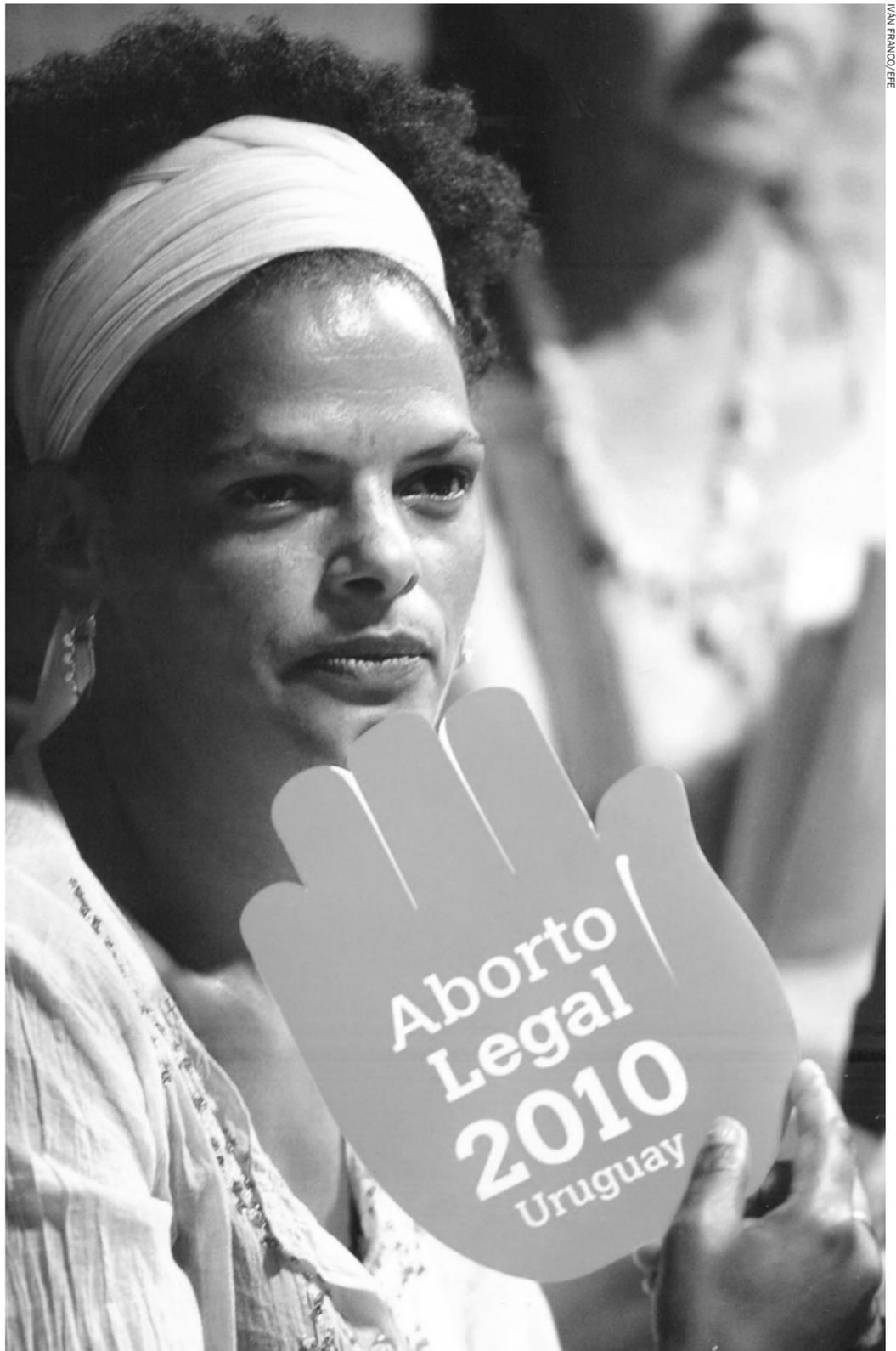
A discussão sobre a legalização do aborto, por exemplo, vem sendo amadurecida há três, quatro anos, no mínimo. “A Frente Ampla discute esses temas de forma natural, não como questões de campanha eleitoral. Porque não se ganha campanha com isso, nem no Brasil nem no Uruguai. O conservadorismo no Brasil tem a ver com a ignorância, com a baixa qualidade do sistema educativo, a pouca consciência política. Quem é que propõe esses temas? É uma população urbana, de classe média, com perfil universitário e que não seja de católicos carolas. O Uruguai tem tudo isso como vantagem”, analisa Padrós.

**Drogas** – Rojo esclarece que o uso de drogas não foi descriminalizado no Uruguai, mas que o usuário não sofre coerções, como ocorre na legislação do Brasil e da Argentina. A psicóloga Eliana informa que a lei uruguaia distingue posse de tráfico. “Com até 100 gramas de maconha praticamente ninguém é processado, tudo depende do juiz”, exemplifica.

“No Uruguai, a droga e sua comercialização estão proibidas, ainda que haja pessoas fumando maconha em espetáculos públicos. E isso já não chama a atenção, pelo menos em Montevideo. No interior, essa conduta não é aceita com normalidade, é censurada”, conta a professora primária de 47 anos María Betania Silveira Meireles, residente da capital. “Acredito que deveriam tirar a proibição, assim os que as fabricam e comercializam não lucrariam com a desgraça alheia”.

**União homossexual** – “Há uma onda nos países latino-americanos de discutir esses temas; os setores homossexuais estão se mostrando publicamente. Estamos falando de países com uma consciência política aparentemente muito forte, mas profundamente machistas, como resultado de uma tradição espanhola arraigada”, observa o professor Padrós.

Eliana conta que em 2007 adotou-se a *Unión Concubinaría*, que dá aos cônjuges com mais de cinco anos de convivência a maioria dos direitos do casamento. Mas não há cerimônia, os parceiros aparecem nos documentos como solteiros e não podem adotar filhos. “O casamento vale apenas nos casos de pensão alimentícia, separação de bens, heranças.” María Betania diz que há uruguaiois resistentes à ideia: “No interior, me parece que não é muito aceito. Em Montevideo, se vê casais andando de mãos dadas na avenida principal. Mas, atenção, mesmo assim, se encontram cartazes em alguns pubs que alertam: ‘A casa se reserva o direito de admissão’. Com isso, digo tudo”.



Debates ocorrem desde o governo de Tabaré Vázquez, mas sua descriminalização deverá ser votada em março

## Aborto: possível liberação enfrentará resistências

A descriminalização do aborto foi aprovada pelo Senado uruguaio em dezembro e deve ir à votação na Câmara quando o trabalho parlamentar for retomado em março. O presidente José ‘Pepe’ Mujica declarou que não vetará a lei se ela for aprovada. Em recente entrevista para a Folha de S.Paulo, ele afirmou que essa é uma questão de consciência: “Sou partidário de legalizá-lo. Acho que temos de apoiar a mulher nesse momento e, com esse apoio, em muitos casos se salva uma vida, porque a mulher retrocede. Mas, se deixamos que seja um ato clandestino, elas continuam fazendo aborto e ninguém as apoia”.

O professor Raúl Rojo acredita que o placar da votação será acirrado, mas a lei vai passar. “Entre outras coisas, porque o projeto é favoravelmente acompanhado por boa parte da sociedade uruguaia. Ele também supera a clivagem situação X oposição. Boa parte da oposição quer, por convicções profundas, sobretudo o Partido Colorado. Os Blancos são curiosos: as pessoas mais à esquerda do partido estão às vezes mais à esquerda que a Lista 15, a ala mais à esquerda do partido Colorado, mas ao mesmo tempo tem um setor conservador, ruralista, também no Partido Blanco, que é mais tradicionalista em todos os aspectos.” O pesquisador argentino considera

que a sociedade uruguaia é de “cabeça muito aberta”, ainda que haja algumas restrições, como a idade com a qual a mulher pode solicitar o procedimento. “Como em outros países, os ativistas não são defensores do aborto, mas defendem o direito de escolha do próprio corpo e desejam acabar com a hipocrisia que permite aos que têm posses suficientes para pagar uma clínica que o façam sem nenhum risco, enquanto o aborto clandestino fica justamente para as camadas mais despossuídas, menos letradas”, avalia Rojo. “Eu acredito que as ONGs e os defensores da lei no Uruguai tenham esclarecido que não se trata de favorecer o aborto, mas de não castigar duplamente a mulher que se vê constrangida a tomar uma decisão desse tipo”, opina.

“A discussão sobre o aborto já tinha sido apresentada pelo governo de Tabaré Vázquez com o apoio da Frente Ampla e de alguns setores do Partido Colorado”, conta Enrique Padrós. O projeto foi votado e aprovado antes de 2010, porém o presidente Vázquez (vinculado ao Partido Socialista, que também defendia a proposta), oncologista de profissão, vetou. “O argumento que ele sempre usou é que, como médico, não poderia cancelar uma lei dessas, por entender que se estava agredindo uma vida. Na época, houve crítica principalmente da Frente Ampla, inclusive dos setores

vinculados à Saúde, que, embora respeitasse a opinião do presidente, acreditavam que ele deveria ter acatado a decisão do Legislativo”, avalia o professor.

O professor uruguaio também comenta a questão religiosa: “A Igreja no Uruguai é muito fraca, embora provavelmente tenha crescido um pouco nos últimos anos. A escola laica é fortíssima e isso faz com que a separação entre Estado e Igreja seja uma questão reconhecida constitucionalmente”.

Apesar de acreditar na tendência de liberação, a veterinária de Montevideo Virginia Urrestarazu discorda do aborto, salvo exceções. “Mas igualmente penso que se deve educar a população sobre a necessidade de condições de higiene e segurança para a paciente realizá-lo.” A também montevidense María Betania Silveira Meireles diz que o tema é doloroso para muitos: “Por mais cultura cívica que tenhamos, não será facilmente aceito pela sociedade uruguaia. Trabalho com uma população extremamente pobre e há mães que, com 36 anos, têm oito ou nove filhos que vão reproduzir essa situação vulnerável. Para mim, isso é violação de direitos. Considero, se a mulher vai abortar, que seja com todas as garantias para sua vida e dentro de determinado período da gravidez”, conclui.